



iconografia

Registros de campo e coleções etnográficas: novas articulações e ressignificações

Field registers and ethnographic collections: new articulations and resignifications

Nádia Philippsen Fürbringer*

Silvio Coelho dos Santos iniciava assim seu primeiro diário de campo:

Benjamin Constant, 5 de julho 1962. Início este diário com nossa chegada – Roberto, Cecília e eu – ao Município objetivo de nossa pesquisa: Benjamim Constant, onde chegamos às 12,10 – hora local – dia de hoje. Sede do posto Indígena Tukuna, em Mariuaçu. (Santos, 1962, p. 1).

Essa viagem ocorreu em julho e agosto de 1962, no Alto Solimões, Amazonas. Enquanto auxiliares de pesquisa de Roberto Cardoso de Oliveira, Silvio Coelhos dos Santos e Cecília Maria Vieira Helm iniciam sua trajetória na Antropologia.

Essa pesquisa de campo somada à anterior, feita em 1959, resultaram no livro *O Índio e o Mundo dos Brancos*, de Roberto Cardoso de Oliveira. O autor ressalta o lugar de seus estagiários nessa pesquisa:

Também aos dois estagiários, que nos acompanharam no Alto Solimões na qualidade de auxiliares-de-pesquisa – dentro do programa de treinamento em técnicas de pesquisa do referido Curso – e que concorreram com suas notas de campo para o enriquecimento do material empírico colhido, registramos nossos sinceros agradecimento. (Oliveira, 1972, p. 14).

A pesquisa desenvolvida por Roberto Cardoso de Oliveira fazia parte do Projeto de Pesquisa *Estudos de áreas de fricção interétnica do Brasil*, de 1962, que pretendia:

Compreender e explicar a situação em que ficam as populações indígenas como resultado da penetração de

* Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC). Membro do Núcleo de Estudos de Povos Indígenas (NEPI/UFSC). E-mail: nadiapf@gmail.com

segmentos pioneiros da sociedade brasileira em seus territórios tribais. Concentrada a pesquisa em determinadas sociedades aborígenes, enquanto casos significativos de um processo ou de uma situação mais geral, ela se orientará para a descrição e análise das *relações de fricção* entre índios e não índios, engendradas pelo contato interétnico. (Oliveira, 1972, p. 127).

A construção do projeto de pesquisa ocorreu já em 1959, a partir de uma viagem de Roberto Cardoso de Oliveira entre os Ticuna, enquanto pesquisava a produção de curare na região amazônica¹. Nessa etapa, alguns rascunhos sobre este projeto de pesquisa começavam a se desenhar, e algumas atividades foram feitas, como o censo demográfico da região, refeito por seus estagiários em 1962, de tal forma que os estagiários participavam dessa pesquisa revendo dados e acrescentando outros tantos. Silvio Coelhos dos Santos ficou dois meses em campo, sendo que apenas no primeiro mês teve a companhia do orientador e da colega. No segundo mês, em julho, percorreu os igarapés que fizeram parte do itinerário da pesquisa feita em 1959, além de outros. Além do censo demográfico e do esquema de parentesco, Silvio Coelho dos Santos também apontava para questões que iriam nortear seus estudos pessoais, no futuro.

A experiência de pesquisa com Roberto Cardoso Oliveira exerceu grande influência na obra de Silvio Coelho dos Santos. Como por exemplo, em seu livro *Índios e Brancos no Sul do Brasil – A dramática experiência dos Xokleng* (1987), no qual reflete sobre a condição desse grupo no estado de Santa Catarina, cujas relações com regionais, descendentes de imigrantes europeus, marcaram profundamente o caráter do contato interétnico. Nas palavras do próprio autor, trata-se de um estudo de caso que mostra como os Xokleng foram levados ao convívio com segmentos da sociedade nacional e quais foram os esforços que realizaram para sobreviver a essa situação (Santos, 1987, p. 11).

Mas, voltemos à viagem de 1962. Aos 24 anos de idade, Silvio Coelho dos Santos descreveu em dois volumes de seu diário de campo os ocorridos enquanto esteve no Alto Solimões nesses dois meses. Apesar de não ter produzido um material bibliográfico propriamente dito, outros materiais foram reunidos nessa experiência. São 48 objetos da cultura material ticuna, 137 diapositivos com imagens que registram a pesquisa de campo através de diapositivos, utilizando uma câmera fotográfica Taron, 35mm. Ao retornar do Alto Solimões, ele doou todo material ao então Instituto de Antropologia, atual Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARquE)².

¹ O museu é vinculado a Secretaria de Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina. Mais informações em <http://museu.ufsc.br/>

² O Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – UFSC, o Museu Amazônico – UFAM e o INTC – Instituto Nacional de Pesquisa Brasil Plural organizaram a exposição *Ticuna em Dois Tempos* exposta no MARquE – Pavilhão Silvio Coelho dos Santos, de maio a outubro de 2012.

E, cinquenta anos depois, esse material é revisto e torna-se parte de uma exposição do MARquE, intitulada *Ticuna em Dois Tempos*. A exposição tem dois momentos de colecionismo de peças ticuna. O primeiro tempo, com as peças de Silvio Coelho dos Santos, do acervo do MARquE, e o segundo tempo, com as peças colecionadas pelo artista plástico Jair Jacqmont, em 1989, que são parte do acervo do Museu Amazônico.

Uma experiência foi colocada em prática nessa exposição: a projeção prévia das imagens registradas e peças coletadas por Silvio Coelho dos Santos foram comentadas, em abril de 2012, no Centro Cultural da Associação Comunidade Wotchimaücü, por indígenas ticuna atualmente residentes no bairro Cidade de Deus, Zona Norte de Manaus. Dessa experiência, algumas animações foram produzidas para a exposição, através do cruzamento das imagens com extratos de diários de campo do antropólogo, são as “Fotos Comentadas”³. Tal oficina foi registrada em vídeo, e foi a este material que tivemos acesso, na íntegra, numa relação de compartilhamento de pesquisa, que possibilitou o início da conexão entre a pesquisa que é feita no acervo das imagens em Florianópolis e as dinâmicas da memória na Amazônia contemporânea.

É a partir dessa experiência que gostaria de desenvolver uma reflexão sobre parte das imagens registradas por Silvio Coelho dos Santos. Ao lado de cada imagem, há um título dado pelo próprio antropólogo, bem como um trecho do diário de campo que selecionei por dialogar com a imagem em questão. Associam-se a essas imagens também comentários feitos pelos Ticuna da Associação Comunidade Wotchimaücü e citações de bibliografias do próprio Roberto Cardosos de Oliveira e do Silvio Coelho dos Santos, que proporcionam novos arranjos de imagem, objetos, escritos e etc. Criam-se aqui outras narrativas e também se repetem algumas das narrativas criadas por aqueles Ticuna ao verem as imagens projetadas na Associação.

Vendo a gravação de quando se projetaram as imagens na Associação, observa-se uma imagem da imagem que projetava, assim como os ticunas olhavam aquelas fotos e tentavam reconhecer ou traziam à tona narrativas que se conectavam, ou não, aquelas imagens. Fazemos o mesmo nessa experiência, observam-se e criam-se narrativas em torno desse diálogo de imagens e memórias que se sobrepõem.

No Centro Cultural da Associação Comunidade Wotchimaücü, estiveram presentes: Bernardino Alexandre Pereira, Rosa Dica Manuel, Domingos Ricardo Florentino (segundo Cacique), Marta Nicanos Alfredo, Cleonice Cândido da Silva e Evandro Guilherme Pinto. São indígenas Ticuna que, em dois

³As gravações dos vídeos foram feitas pelas pesquisadoras Nilza Silvana Teixeira – PPGAS / UFAM, Samya Fraxe – PPGAS/UFAM, Deise Lucy Oliveira Montardo – PPGAS/UFAM. Para assistir os vídeos citados, acessar: <http://avisc.wordpress.com/videos-da-exposicao/>

momentos, tiveram a oportunidade de ver cada um dos registros fotográficos e deram sua voz àquelas situações.

“Mariana, 09/07/1962. Próximo ao ancoradouro, uma visão do Solimões deslumbrava qualquer indivíduo. Fotografias foram tiradas e voltamos extasiados para a frágil embarcação. Voltamos e, antes de atingir Tabatinga e a meio caminho de Letícia, passamos novamente a fronteira: o marco. Ali está uma pequena casa flutuante que “divide” as duas nações. E é aqui marco que a professora Astrogilda mantém um Grupo Escolar onde treina professores – durante às férias – para atuarem na região.” (Santos, 1962)



“O marco fronteiro entre Brasil e Colômbia.”

“Ali é o Rio Solimões, agora esse lugar, sabe professora, isso aí já tá no meio do rio. Porque tá derrubando, acabando e vira barranco... Aonde tão esses caras, agora não tem mais [...] lá agora é só rio.” (Domingos Ricardo Florentino)



“Bernadino, chefe do Posto Indígena, Ticunas”

“Esse é o igarapé Umariáçu, esse que tá aparecendo é o Rio Solimões. Esse onde tá é o inicio da comunidade.” (Domingos Ricardo Florentino)



“Mariuaçu, 07/07/1962. Registramos nessa casa o preparo do peixe Moqueado: três estacas formando um triângulo, ligadas à altura de 30cm mais ou menos por vara de bambu. Sob as varas o fogo e sobre elas, três belos peixes. Perto, um Tukuna de 15 anos mais ou menos preparava outros peixes”. (Santos, 1962)

“Aquele é um jirau para pôr em cima o peixe, para colocar a folha de bananeira para poder assar mais rápido. [...] Não é moqueado, esse é o assado.” (Bernardino Alexandre Pereira)



“A moqueação do peixe. Mariuaçu”

“Mulher tecendo cesto do tipo “wotüra” [...] para colocar farinha dentro.”
(Rosa Dica Manuel)



“Mulher Tukuna fazendo cesto (paneiro) para armazenar farinha”

“Mariaçu, 11/07/62. O trabalho da mulher índia, limpando as roças é peculiar: acorçada, de “terçado” (facão) na mão ela vai raspando o solo e deixando tão limpo que parece um jardim. As plantas crescem viçosas nessa várzea e recompensa o esforço humano, permitindo que uma técnica rudimentar seja suficiente para a produção necessária de alimentos.” (Santos, 1962)



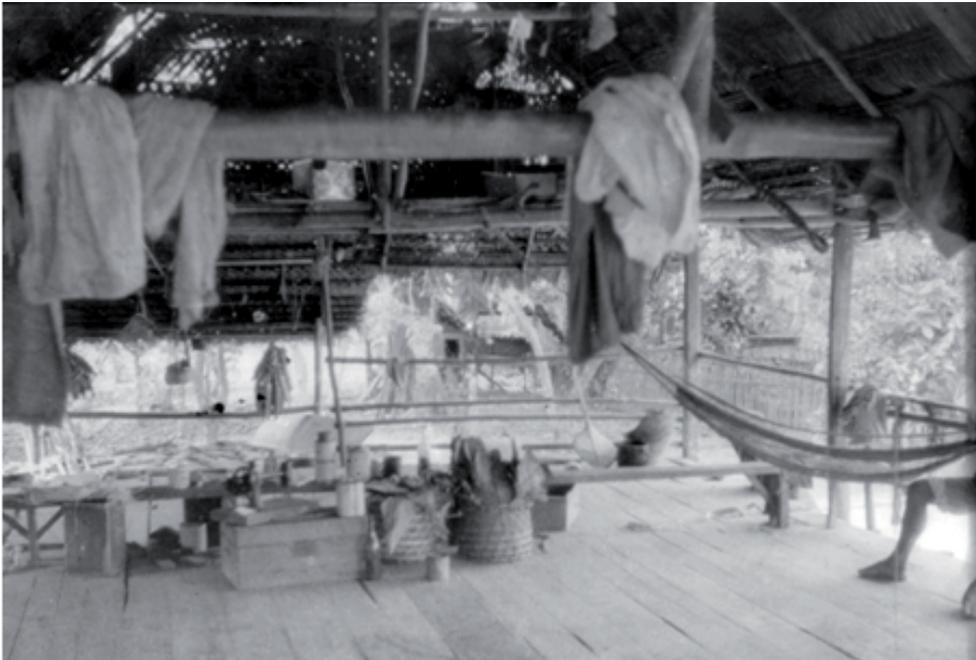
“Casal Tukuna descansando após o trabalho na roça”

“Nós estávamos dizendo que esse mural aqui. Essa aqui é uma maloca grande, é como o tipo que estamos fazendo aqui, é a mesma coisa que essa pintura. Por isso nós chamamos de Centro Cultural Ticuna, pra não esquecer a nossa cultura, o tradicional. Nós vivemos aqui na cidade, mas a gente tem que lembrar.” (Domingos Ricardo Florentino)



“Aspecto de tablado interior de uma casa Tukuna”

“Mariaçu, 11/07/1962. Uma descrição da habitação Tukuna, podemos fazer baseado na casa n. 26. Ali, um amplo terreiro, ergue-se uma casa de quatro águas, na forma dos esquemas que se seguem: Em todo o correr da casa há um estrado, a um metro do solo, onde ficam as redes em que descansam os membros da família. Ao chegar o adventício, convidam-no a subir no estrado, onde oferecem-lhe uma rede para sentar e é dessa maneira que, geralmente temos tomados nossas notas durante as entrevistas.” (Santos, 1962)



“Interior de uma casa Tukuna. Utensílios”

“Eu tava explicando né? Que o piso dele é o paxuba, a parede [...] palha de buriti, palmeira branca. É por isso que tava mostrando, é origem do Ticuna, não pode dizer que não. Sim, porque já viveram assim, eu já vivi morando assim. Durante tempo eu nasci assim, não tem parede, não tem quarto, não tem nada, assim mesmo. É por isso que eu estou dizendo, mostrando, falando a verdade. Tô falando pra turma, se a professora quiser perguntar depois pergunta, nós casamos assim, nosso costume é assim, não pode negar. A gente tá na cidade, não pode esquecer nossa cultura, o nosso tradicional, a cultura da gente.” Domingos Ricardo Florentino



“Mariana, 09/07/1962. Todos os tukuna que travamos contato falam um português que permite o entendimento, principalmente os homens, pois as mulheres raramente respondem nossas perguntas. São cordiais, embora desconfiadas, e portam-se geralmente com solicitude, quando os visitamos. A meu ver, estão bem adaptados ao seu meio e as dificuldades que sentimos quanto aos ‘carapanã’ não são por eles levadas em conta todos vivem vestidos e embora suas roupas, na sua maioria, sejam simples e as vezes bem remendadas. Cobrem-se com pudor, especialmente os homens e mulheres mais jovens.” (Santos, 1962)



“A parentela Tukuna. Seringal Vendaval”

“Mariaçu, 10/07/1962 A mulher (IV,2) que nos prestou todos os esclarecimentos sobre os filhos e parentesco, respondia nossas perguntas de ‘terçado’ na mão, o qual era manejado para limpeza do caminho do ferreiro. Sentava-se sobre calcanhares para fazer isto e só levantou-se quando solicitamos que posasse com seus ‘curumins’ para a nossa ‘Taron’.” (Santos, 1962)



“Mulher Tukuna e seus filhos”

Francilino Chaves, reconhecido como um parente de D. Rosa, segundo ela, ele é “filho da irmã do papai”, em Umariaçú II.



“Tukuna de Mariuaçu. Tipo físico”

No momento em que as imagens foram apresentadas, não foram seguidas das legendas, apenas com o código de indexação da reserva técnica do museu. Assim, possibilitou uma leitura mais livre dessas imagens, uma vez que não eram imediatamente engessadas em uma perspectiva. A leitura foi livre também por parte dos pesquisadores, que lançaram inúmeras perguntas, dos mais variados tipos a cada imagem que recebiam, e as respostas em contrapartida também eram livres.

Alguns pontos podem ser levantados a partir das imagens acima. Depois das imagens serem apresentadas aos Ticuna, separaram-se os comentários e fotos que se conectavam em alguns blocos: paisagem, fazeres, casa, moça nova e ser ticuna. Essa parte, já no âmbito da minha própria pesquisa, demonstrou os interesses do antropólogo nas imagens registradas e no que descrevia em seu diário de campo. Por exemplo, muitas imagens individuais foram registradas, mas, ao mesmo tempo, nem nos diários de campo (e nas legendas das fotos) priorizavam a nomeação desses sujeitos, assim como a última foto que contém a legenda: “Tukuna de Mariuaçu. Tipo físico”. Se nos anos 1960 não se valorizava a nomeação de cada sujeito apresentado pelo antropólogo, não trataremos aqui de impor ao passado um problema metodológico atual, mas sim acompanhar e refletir as noções de pessoa, sujeito e identidade que a fotografia pode invocar.

Mais uma vez foi menos a biografia de tal ou tal indivíduo que se buscava enquanto as imagens eram apresentadas, mas sim isso trouxe à tona as relações possíveis que o espectador tinha com aquelas imagens ali projetadas – meu parente, membro do clã ou aldeia tal. Assim o sujeito da imagem não é somente “Tukuna de Mariuaçu. Tipo físico”, nem somente o Francilino Chaves. Mas é parente da D. Rosa que era a espectadora da imagem, é “filho do irmão do papai”. Localizar pessoas, lugares e objetos nas imagens é uma forma de começar narrativas com essas imagens.

Os exemplos colocados anteriormente demonstram um entrelaçamento de informações que, na experiência da exposição, por exemplo, levam os materiais produzidos a serem ressignificados, e outras narrativas emergem. Sylvia Caiuby Novaes, em “Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico”, destaca a natureza paradoxal das imagens:

Se o sentido do texto nos dá a impressão de ser único e fixo (embora seja, também ele, passível de várias leituras) e capaz de abstrações e generalizações, imagens têm uma natureza paradoxal: por um lado, estão eternamente ligadas a seu referente concreto, por outro, são passíveis de inúmeras “leituras”, dependendo de quem é o receptor. (Novaes, 2008, p. 457).

É nesse sentido que tenho desenvolvido minha pesquisa com o acervo de Silvio Coelho dos Santos. Pois, levando em consideração que a própria Antropologia, por muito tempo, abandonou as pesquisas em museus, assim

como de acervos e coleções que lá se encontram, a retomada desses lugares nas pesquisas antropológicas é um fato recente. Ainda que a pesquisa antropológica tenha deixado de ser feita nesses espaços, a prática de colecionismo de diversos antropólogos permaneceu em todos esses anos, e experiências como a da exposição e da própria pesquisa em acervos podem trazer novos olhares sobre acervos e coleções etnográficas específicas, proporcionando uma nova reflexão em questões mais gerais na Antropologia como representação, patrimônio, identidade, memória etc.

São objetos e documentos que são apropriados e estão sujeitos a uma variedade de dinâmicas, mas, ao mesmo tempo, esses objetos carregam uma agência, tal como proposto por Alfred Gell, que reflete sobre a agência do indivíduo impressa na representação (Gell, 1998, p. 102-103). Uma vez que se atenta para o papel da mediação das imagens nos processos sociais, melhor ainda se percebe como essas imagens podem fazer a mediação da agência social no engajamento que existe com o receptor.

Sendo assim tenho orientado esta pesquisa a fim de visualizar quais são as possibilidades de histórias e narrativas que emergem desses objetos e o que se pode construir a partir deles. Isso pode se refletir em novas ações de exposições com acervos etnográficos, apresentando coleções com um novo olhar. Ao mesmo tempo, não se quer aqui corrigir “erros” na documentação dessas imagens e/ou objetos. Não são informações definidas, mas rastros de memória que despontam e apontam novas perspectivas e narrativas.

Referências

CAIUBY NOVAES, Sylvia. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana*, 14(2), p. 455-475, 2008.

GELL, Alfred. *Art And Agency. An Anthropological Theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *O índio e o mundo dos brancos*. São Paulo: Pioneira, 1972.

_____. *Os diários e suas margens*. Viagem aos territórios Têrena e Tükuna. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil*. Porto Alegre: Movimento, 1987.

_____. *Diários de campo*. MARquE, 1962.

Recebido em 20 de abril de 2012

Aprovado para publicação em 30 de abril de 2012

